

Cilene Victor
Cidoval Moraes de Sousa
(Organizadores)

A PANDEMIA NA
SOCIEDADE DE RISCO
PERSPECTIVAS DA COMUNICAÇÃO



Campina Grande-PB

2021



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes | *Design Gráfico e Editoração*

Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*

Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*

Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*

Danielle Correia Gomes | *Divulgação*

Gilberto S. Gomes | *Divulgação*

Efigênio Moura | *Comunicação*

Walter Vasconcelos | *Assessoria Técnica*

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

P189

A pandemia na sociedade de risco: perspectivas da comunicação [Recurso Eletrônico]/ Organizadores: Cilene Victor; Cidoval Morais Sousa. – Campina Grande/PB: EDUEPB, 2021. 526p.

Recurso digital (4.3 MB)
Formato: ebook (PDF)
ISBN 978-65-87171-24-1

1. Comunicação de riscos.
2. Sociedade de riscos.
3. Covid-19.
4. Infodemia e desinformação.
5. Educação.
6. Novas mídias.
7. Jornalismo humanitário e de paz.

CDD 370
CDU 37.06

Ficha catalográfica elaborada por Heliane Maria Idalino Silva – CRB-15ª/368

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A invisibilidade midiática da África na pandemia da Covid-19

Uma análise em perspectivas etnomidialógica, decolonial e necropolítica

Ricardo Alexino Ferreira

*Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação Humanidades,
Direitos e outras Legitimidades
Escola de Comunicação e Artes (ECA)
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
E-mail: alexino@usp.br*

Continente quase invisível

Em 2019, fui ministrar duas disciplinas no curso de Pós-graduação em Educação na Universidade Lueji A'Nkonde, em Dundo, na Província Lunda Norte, em Angola. Não era o meu primeiro contato com um país africano. Já tinha desenvolvido antes pesquisa e ministrado curso na cidade de Praia, no insular país Cabo Verde.

Nos dois países colonizados por Portugal e com independências recentes, acontecidas nos anos 1975, observei que os efeitos coloniais são marcantes. Os colonizadores deixaram em suas ex-colônias profundas marcas e graves problemas sociais, políticos e econômicos quando foram embora. Angola, muito mais do que Cabo Verde, vivenciou, depois da partida dos portugueses, décadas de guerras civis entre dois movimentos de guerrilha anticolonial: o comunista Movimento

Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a anticomunista União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita). Os sangrentos confrontos angolanos somente cessaram em 2002, tendo um saldo de mais de 500 mil mortos e a migração interna de mais de um milhão de pessoas que fugiam da guerra para lugares mais seguros dentro do próprio país. Os efeitos da guerra em Angola são visíveis até hoje. Cabo Verde também teve guerra por independência, que aconteceu de fato em Guiné-Bissau.

Durante a minha estada em Angola, em contato com os pós-graduandos e outros professores angolanos, percebi que eu conhecia muito pouco daquele país e, também, que as versões para a própria história de Angola contadas por angolanos não eram únicas. Em uma banca de seleção de docentes, em que eu participei como avaliador, um dos professores candidatos disse que ele concordava com o conselho de Portugal aos angolanos para que esquecessem o passado e mirassem o futuro.

Esse tipo de fala me deixou meio boquiaberto e indignado, pois para mim era exatamente o contrário: os angolanos deveriam olhar para o passado e exigir reparações de Portugal para o presente e futuro. Não me esquivei de dizer ao professor que para o colonizador que matou, roubou, estuprou, usurpou e fez atos inequívocos, era muito fácil dizer para toda uma nação esquecer o passado e pensar apenas no futuro. Percebi que Cabo Verde e Angola, por exemplo, mantêm uma relação de muito respeito e submissão à Portugal, sem exigências efetivas de reparações. E esse comportamento

A invisibilidade midiática da África na pandemia da Covid-19

interfere muito no modo como esses países se ressignificam e se reconstroem.

Apesar de ter tido mais contatos com caboverdianos e angolanos em atividades acadêmicas, vale lembrar que os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop) são Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Em pesquisa preliminar, percebo que as suas histórias com Portugal são muito semelhantes à de Cabo Verde e Angola: vivem até hoje os reflexos românticos da colonização portuguesa.

Um outro aspecto que percebi em minhas vivências acadêmicas com Cabo Verde e Angola, mas também tenho pesquisado os demais países que compõem os Palop, é que eles conhecem e admiram o Brasil, principalmente pelo seu aspecto cultural, muito mais que o Brasil os admire e os conheça. A relação do Brasil com os povos africanos é muito distante e marcada por estereótipos e preconceitos.

Aliás, na mídia ou nas escolas brasileiras, a África, que possui 54 países independentes, é uma incógnita. O exuberante continente africano que “tem cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados, cobrindo 20,3% da área total da terra firme do planeta e sendo o segundo continente mais populoso da Terra (atrás da Ásia), com cerca de um bilhão de pessoas”¹, é subestimado no Brasil.

Ao se falar em África, no imaginário de muitos brasileiros, ou, por vezes, em lapsos de reportagens jornalísticas, é tido como um país e não continente. O termo África reporta

1 África: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/c/20317/106/>

a um não-lugar marcado pela natureza em seu estado bruto e pessoas em condições primitivas, incapacitadas de produção tecnológica ou sem conhecimentos sofisticados. Tais reduções vão definir todo o continente, visto como um lugar em que é possível apenas fazer safaris, ver animais exóticos e marcado pela pobreza.

Tal redução leva a um distanciamento significativo, por parte da mídia brasileira, dos 54 países africanos e, até mesmo, dos que compõem os Palop, que têm aproximação linguística e deveriam ser considerados países-irmãos. Pouquíssimos veículos de jornalismo têm correspondentes jornalistas no continente africano. Mesmo em universidades, que desenvolvem pesquisas científicas relevantes, poucas são as que têm formalização de intercâmbios com países africanos.

Dentro desse cenário, a África pouco tem sido colocada como informação plausível nos critérios de noticiabilidade como valor-notícia ou agendamento na comunicação midiática. Quando é colocada como informação, a angulação está em situações de risco, envolvendo fenômenos climáticos ou algum atentado terrorista, como os que vêm acontecendo no norte de Moçambique, promovidos pelo Estado Islâmico². E mesmo assim, o enfoque se dá mais na brutalidade do ato ou por aspectos “fantasmagóricos”, em que as informações são generalizadas, muitas vezes, sem o uso de imagens, principalmente quando veiculadas na televisão. O aprofundamento dos fenômenos em si fica em segundo plano e muitas vezes sequer são comentados.

A invisibilidade midiática da África na pandemia da Covid-19

O continente africano somente se torna foco de atenção real quando é considerado uma ameaça para os países europeus e norte-americanos. É o caso da epidemia provocada pelo vírus Ebola, que assustou os europeus e norte-americanos, nos anos 1990. Nesse caso, as notícias sobre a África eram constantes e colocavam o continente como um território ameaçador.

Ao menosprezar os 54 países africanos como se fossem apenas um, um monolito, comete-se um erro extremamente grave; é uniformizar aquilo que é impossível de ser uniformizado, considerando diferenças marcantes entre o Norte da África; a África Ocidental; a África Central; a África Oriental e a África Meridional.

Tal tentativa constante de invisibilidade ou negação da pluralidade africana por parte dos países europeus ou norte-americanos leva a pensar que existe um projeto de tentativa de apagamento. Aquilo que Achille Mbembe chama de necropolítica. Segundo ele, “necropolítica reside em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2018, p. 5).

E uma necropolítica que tem tido efeitos visíveis. Ao analisar os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) de todos os países do mundo, o continente africano vem detendo durante décadas as piores posições do ranking. Dos 33 países mais pobres do mundo, 28 são africanos, envolvendo baixo desenvolvimento econômico, elevadas taxas de analfa-

betismo e mortalidade infantil, além de doenças como a Aids e a malária, que contribuem para esse cenário.³

Mesmo assim, os baixos Índices de Desenvolvimento Humano de países africanos são reforçados pela mídia brasileira não como tentativa de reverter, através da informação, o processo de miserabilidade econômica do continente. Quando o assunto IDH é tratado pela mídia, é para reforçar o estereótipo de irreversibilidade da situação da África pela incompetência dos africanos de reversão da sua própria situação. A mídia apenas visibiliza tal miséria em um não-lugar, chamado África e tomado por gente preta. Análises aprofundadas e individualizadas dos 54 países e regiões africanas passam ao largo das notícias.

Esse critério de noticiabilidade da imprensa brasileira para abordar os países africanos se reflete na forma como se noticia a Covid-19 na África. Os modelos de valores-notícia (SILVA, 2010), mencionados por Galtung e Ruge (1965), permitem entender esse fenômeno. Em seus modelos, eles colocam que é possível observar que fatores sociais, econômicos e culturais interferem no agendamento da informação, pois ela vai ser escalonada de acordo com o impacto (amplitude, frequência, negatividade e clareza); de acordo com a empatia que se tem com a audiência (personalização, referência a países de elite, referência a pessoas que integram a elite) e de acordo com o pragmatismo da cobertura midiática.

3 ONU News: Perspectiva Global Reportagens Humanas. <https://news.un.org/pt/tags/indice-de-desenvolvimento-humano?page=1>

A invisibilidade midiática da África na pandemia da Covid-19

Como não fazem parte de países de elite ou do contexto do Norte global, os países africanos são vistos como uma coisa só, reforçados pelo estereótipo negro de povos escravizados e perdedores históricos. Os baixos IDHs reforçam esse tipo de construção identitária e existe uma negação de que esses países possam desenvolver ciência à altura da tradição científica eurocentrada ou mesmo possam sair da situação econômico-social em que se encontram. Esse tipo de perspectiva acaba sendo naturalizada nos agendamentos midiáticos, que veem a África como o não-lugar, em que se perpetuam doenças e misérias. No caso, o interesse pelo continente se dá muito mais pelas doenças pandêmicas que eles possam provocar aos países ricos do que pelas doenças que os países ricos possam provocar a eles.

Assim, nos anos 1990 se falou muito mais do Ebola quando os primeiros casos chegaram aos países ricos vindos de países africanos, do que a Covid-19 vinda dos países ricos para os países africanos. Uma relação bastante desigual, mas possível de ser interpretada à luz de Galtung e Ruge, nos estudos dos valores-notícia.

Colonialidade, descolonialidade e decolonialidade na percepção midiática da África

Ao observar a imprensa brasileira, pode-se entender os seus *modi operandi* tendendo à permanência da colonialidade, em detrimento à descolonialidade ou à decolonialidade. Isso é um ponto importante para o entendimento do comportamento da imprensa e os seus critérios de noticiabilidade nas

coberturas jornalísticas sobre países africanos e as constantes tentativas de invisibilização da Covid-19 na África.

Iniciando uma análise da segunda metade do século 19, quando os jornais começam a ter características que vão ser embrionárias da imprensa do século 20, é possível observar como o pensamento colonial formou o pensamento jornalístico brasileiro.

Os jornais tinham como agendamentos na segunda metade do século 19 os debates sobre a manutenção do sistema imperialista e a mudança para o sistema republicano. Debates que envolviam várias outras temáticas, como a escravização, escravizados, pensamentos elitistas contra as questões populares, o eurocentrismo, dentre outros elementos que marcariam e muito o inconsciente coletivo brasileiro.

Abaixo, um trecho de artigo publicado no jornal Província de São Paulo, do século 19, em que é possível captar o imaginário da elite brasileira sobre o “barbarismo africano”, em que a África é tida como um local selvagem, distante dos ideais da civilização europeia:

Uma ceia africana. Haveria cinco meses Sr. Baltre se perdeu *n'uma* selva da África. Sobreveio a noite... e descobriu uma espécie de casebre que entrou. Havia *alli* uma preta velha a qual por *signaes* fez compreender que queria comer. Aterrada, a velha tirou uns ovos ... e já ia *prepara-los* quando avistou pendurados no *tecto* e enfiados *n'uma* vara umas *consas* pretas que lhe pareciam comestíveis. *Apezar* dos suplicios da velha, tomou-lhe e acrescentou com eles a fritada. Acabada a succulenta refeição, entrou o dono da choça:

A invisibilidade midiática da África na pandemia da Covid-19

- Miserável estrangeiro, gritou ele em *mao inglês*, *devoraste* os meus troféus de guerra!

- Que troféu?

- Os que ali tinha dependurado no *tecto* e que eram as orelhas dos guerreiros que tinha vencido e morto!...
(Jornal *Província de São Paulo*) (SCHWARCZ, 1987, pág. 115]

Vários outros artigos publicados nos jornais da segunda metade do século 19 sobre a África como local de selvageria, feitiços e canibalismos, apontavam a possibilidade, quase impossível, de conseguir civilizar alguns africanos, como é o caso do artigo abaixo:

O rei da Uganca. Mtsea, rei da Uganca, a quem Spike o explorador africano encontrou no estado de perfeita selvageria e a quem Satanley deixou quase cristão, está aprendendo a ler e escrever inglês e com muitos desejos de estudar geografia, botânica e mineralogia..." (província de São Paulo, 89 de junho de 1878) (Schwarcz, 1987, pág. 116)

Esse imaginário de uma África não civilizada é marcado em todo o discurso da imprensa da segunda metade do século 19. No século 20, apesar de menos estereotipada, a África é noticiada e construída pela imprensa como um local de estranheza e reduzida apenas à sua fauna e flora, a seus recursos minerais e à excentricidade de seu povo, destacando muito mais o seu corpo negro do que o seu intelecto.

Portanto, o apagamento da África como continente e como produtor de ciência ou conhecimento é algo que ainda

povoa o imaginário de jornalistas. Isso elucida o porquê de ser pouco importante agendar os países africanos como nações e muitas delas em sistemas democráticos, republicanos e produtoras de conhecimento.

Percebe-se que a imprensa brasileira ainda nutre um pensamento colonialista sobre a África, em que as pessoas que povoam os países desse continente são vistas muito mais como ex-escravizadas do que cidadãs.

Os jornalistas brasileiros ainda não têm feito uso apropriado das epistemologias da descolonialidade no campo midiático, em que há toda uma crítica das persistências colonialistas na contemporaneidade e nos conteúdos produzidos.

Frequentemente, as matérias jornalísticas ainda se prendem a conteúdos que reforçam o pensamento colonialista, mesmo em outras pautas que não as voltadas para a África. Por exemplo, ao abordar as manifestações trabalhistas, muitas vezes a imprensa brasileira tende a criminalizar os movimentos sociais. Imaginemos uma greve de motoristas de ônibus em uma grande capital, como São Paulo. A maioria dos títulos dá ênfase ao transtorno que a greve provoca na cidade, elaborando chamadas como “Milhões a pé por causa de greve de motoristas de ônibus”. Poucas manchetes dão ênfase na legitimação do movimento como, por exemplo, “Motoristas fazem greve por melhores salários”.

Esse pensamento persistente em muitas produções jornalísticas, o de que os movimentos sociais provocam transtornos, pode ser resgatado das construções ideológicas do período colonialista em que todos os movimentos sociais brasileiros foram

A invisibilidade midiática da África na pandemia da Covid-19

chamados de “revolta”; “rebelião”; “inconfidências” e tantos outros substantivos (com naturezas adjetivas) criminalizadores.

Assim, ao tentar entender o porquê de os países africanos serem inferiorizados ou apagados e invisibilizados na imprensa brasileira, seria importante trazer como conteúdo interdisciplinar a Psicologia Analítica de Jung, quando aborda o inconsciente coletivo como elemento de diretrizes de comportamentos sociais e coletivos. Os quase 400 anos de escravização no Brasil trouxeram elementos que formatam e constituem o imaginário de todo um povo, em que a cor da pele e os traços fenotípicos colocam cada segmento em local específico, em uma organização estratégica. E esses comportamentos vão sendo naturalizados.

Por esse motivo, a abordagem da inferiorização impede pensar os povos negros como sendo produtores de conhecimento e de ciência, considerando que as suas expressões mais relevantes devem ficar na representação do corpo, seja no sentido do trabalho, como na expressão cultural; mas nunca esses povos africanos são vistos por suas capacidades intelectuais.

Um exemplo disso é o trabalho de Solange Martins Couceiro de Lima e Maria Aparecida Baccega no artigo *Manipulação e construção da identidade da África negra na imprensa brasileira* (BACCEGA e LIMA, 1993/1994), em que as autoras analisam o tratamento que a imprensa dá aos jogadores africanos, de Camarões, que apresentavam boa atuação, durante o Campeonato do Mundo de Futebol, em 1990.

Alguns temas afloram deste universo pesquisado. O primeiro deles é o que toca as questões das relações

entre a animalidade e a humanidade. Em várias matérias, o time de Camarões é cognominado de “leões indomáveis” ou “leões africanos” (...) Ao considerar surpreendente a trajetória do time africano, usa-se uma colocação muito difundida na cultura brasileira: a de considerar o time africano uma “zebra”. A zebra é aquele resultado considerado logicamente impossível de ocorrer numa partida esportiva. Assim, os títulos dos jornais proclamam “Inglaterra acerta o pé e derruba a zebra” ou “Zebras não resistem à tradição dos campeões mundiais” (BACCEGA, e LIMA, 1993/1994, pág. 159)

Etnomialogia: decolonialidade midiática

Para reversão da forma como a mídia brasileira vem tratando o continente africano, baseio-me em mudanças na forma de se fazer o jornalismo brasileiro. É preciso que o jornalismo brasileiro deixe de ser apenas pragmático para se tornar uma práxis.

Em minha tese de livre-docência (FERREIRA, 2011), defendida na ECA-USP, em 2011, propus novas construções epistemológicas do jornalismo em interseção com as ciências das diversidades, o que permitiu o desenvolvimento da práxis jornalística e a sua transversalidade com a decolonialidade, em que o foco de abordagem também estaria no Sul global e não apenas no Norte global, com novos sujeitos-narradores e novas percepções de realidades. A esta construção epistemológica dei o nome de Etnomialogia.

A aplicação desta epistemologia se deu na elaboração e desenvolvimento da pesquisa desenvolvida com apoio da

A invisibilidade midiática da África na pandemia da Covid-19

Fapesp e da Pró-reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo, que tinha como objetivo resgatar a intelectualidade de caboverdianos em diferentes áreas do conhecimento.⁴ Seria a aplicação dos paradigmas da descolonialidade⁵ e da decolonialidade⁶ em perspectivas etnomidialógicas que substituiriam a hegemonia do pensamento do Norte global pelo Sul global.

Durante o tempo em que estive em Cabo Verde, entrevistei 34 intelectuais que destacaram os principais elementos contemporâneos do país, envolvendo a cultura, a economia, a ciência, a política, a educação, dentre outros elementos. O principal enfoque da pesquisa foi o de pensar países africanos, no caso Cabo Verde, não apenas pelo viés da miséria, mas pela intelectualidade do país, usando como recurso metodológico a entrevista semidirigida filmada. A pesquisa teve como proposta romper a coisificação de africanos.⁷

À guisa de considerações finais

Considero que o jornalismo brasileiro ainda possui muitos dos resquícios do pensamento colonialista, o que interfere sobremaneira na abordagem de muitos fenômenos. Tais abordagens ficam prejudicadas pelo pensamento colonial, que compromete a percepção do trabalho (marcada pela he-

4 FAPESP. Etnomidialogia: método do livro-reportagem-multimidiático-memória no resgate de histórias biográficas de indivíduos pertencentes a grupos sócio-acêntricos <https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/30646/etnomidialogia-metodo-do-livro-reportagem-multimidiatico-memoria-no-resgate-de-historias-biograficas/>

5 Ao citar descolonialidades faço referência aos autores Stuart Hall, dos Estudos Culturais e Frantz Fanon, como pensadores importantes para o entendimento desse campo epistemológico.

6 No campo da decolonialidade, cito o sociólogo peruano Aníbal Quijano, que vai trazer conceituações importantes para “sul global” e decolonialidades.

7 Televisão De Cabo Verde (TVC). Entrevista com Ricardo Alexino Ferreira. <https://youtu.be/nWEAVPOkeIg>. Praia (Cabo Verde): TVC, 2012.

rança escravocrata), dos movimentos sociais (criminalizados em toda a história colonial brasileira e tidos como rebeliões, revoltas e inconfidências), das ciências (ainda presas ao paradigma Positivista) e dos grupos das diversidades (ainda vistos como não-cidadãos e sem direitos plenos).

No ir e vir das informações, em determinados momentos, a imprensa brasileira rompe com alguns desses modelos, mas acaba voltando para o seu lugar de fala, marcado pelos interesses empresariais, neoliberais e na composição quase hegemonicamente constituída por profissionais não-negros e eurocentrados, o que contribui muito na construção de identidades forjadas.

As informações escassas da Covid-19 no continente africano são frutos não apenas desse momento, mas de toda uma trajetória histórica em que os resquícios do pensamento colonial ainda estão presentes no imaginário contemporâneo brasileiro. Bem como aquilo que Achille Mbembe vai chamar de necrofilia, que é o apagamento e a morte daqueles que estão à margem da historiografia e das narrativas.

As rupturas coloniais podem ser feitas por novas construções epistemológicas advindas de paradigmas descoloniais, decoloniais e etnomidialógicos. Cada um representando uma etapa de desconstrução. A descolonialidade remete à identificação e à denúncia dos resquícios coloniais; a decolonialidade aponta a necessidade de novas narrativas por novos sujeitos e por neo-cidadãos. Em relação à Etnomidialogia, ela é um campo epistemológico que permite criar epistemologias da comunicação midiática em suas práxis e epistemologias.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida; LIMA, Solange Martins Couceiro de. Manipulação e construção da identidade da África negra na imprensa brasileira. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP. São Paulo, 16-17 (1): 157-164, 1993/1994.

FERREIRA, Ricardo Alexino. **Os critérios de noticiabilidade da mídia impressa na cobertura de grupos sócio-acêntricos em abordagem etnomidialógica**. São Paulo: ECA-USP. Tese de Livre-docência. 2011.

FERREIRA, Ricardo Alexino. **Etnomidialogia: método do livro-reportagem-multimidiático-memória no resgate de histórias biográficas de indivíduos pertencentes a grupos sócio-acêntricos** Fapesp, 2012. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/30646/etnomidialogia-metodo-do-livro-reportagem-multimidiatico-memoria-no-resgate-de-historias-biograficas/>

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. **The structure of foreign news: the presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers**. Journal of International Peace Research, n.1, 1965.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

O GLOBO. Doze pessoas foram decapitadas em ataque terrorista reivindicado pelo Estado Islâmico em Moçambique. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/doze-pessoas-foram-decapitadas-em-ataque-terrorista-reivindicado-pelo-estado-islamico-em-mocambique-24961542>.

ONU NEWS. Perspectiva Global Reportagens Humanas. **ONU NEWS**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/tags/indice-de-desenvolvimento-humano?page=1>

PNUD. Ranking IDH Global. **PNUD**. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SILVA, Marcos Paulo da. Como os acontecimentos se tornam notícia: Uma revisão do conceito de noticiabilidade a partir das contribuições discursivas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Ano VII. Número 1. Janeiro a Junho de 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo>

TVC. Televisão de Cabo Verde. Entrevista com Ricardo Alexino Ferreira. Praia (Cabo Verde): **TVC**, 2012. Disponível em: <https://youtu.be/nWfAVPOkeIg> .